

Impeachment segundo as lógicas de “fabricação” do acontecimento



Antonio Fausto Neto¹

Resumo

Analisa-se estratégias discursivas das capas de revistas informativas semanais (2015/2016) sobre a construção do impeachment da presidente Dilma Rousseff. Descrevem-se operações de sentidos pelas quais dispositivos jornalísticos abandonam lugar de “elo de contatos” entre instituições e leitores, passando a agir como atores de uma enunciação interessada. Operam a “fabricação do acontecimento” – desde sua “eclosão” à sentença de afastamento da presidente.

Palavras-chave: Impeachment; Capas; Revistas; Fabricação.

Resumen

Se analizan estrategias discursivas de las tapas de revistas informativas semanales (2015/2016) sobre la construcción del impeachment de la presidente Dilma Rousseff. Se describen operaciones de sentidos por las cuales los dispositivos periodísticos dejan su lugar de elemento de contacto entre instituciones y lectores, y pasan a agir como actores de una enunciação interesada. Operan la “fabricación del acontecimiento” – desde su “eclosión” hasta la sentencia de alejamiento de la presidente.

Palabras clave: Impeachment; Tapas; Revistas Informativas; Fabricación.

Abstract

It is analyzed discursive strategies of the covers of weekly news magazines (2015/2016) about the construction of the impeachment of President Dilma Rousseff. It is described sense operations in which journalistic devices abandon the place of “contact bond” between institutions and readers, starting to act as actors of an interested enunciation. It is operated the “manufacturing of the event” – since its “outbreak” to the president withdrawal sentence.

Keywords: Impeachment; Covers; News Magazines; Manufacturing.

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1972), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977), doutor em Sciences de La Communication Et de Linformation - EcoledesHautesEtudesenSciences-Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ - RJ (1990). Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); ex-professor na UFRJ, UFPb, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Autor de livros ?Mortes em derrapagem? (1991); ?O impeachment da televisão? (1995); ?Ensinando à TV Escola? (2001); ?Desconstruindo os sentidos? (2001); ?Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral? (2003); O mundo das mídias (2004).

Nota introdutória

Passeando pela profusão de fragmentos de textos jornalísticos sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff, deparamo-nos com as capas informativas das revistas semanais onde foram feitas várias operações enunciativas transformando o fato em acontecimento, elegendo-o como matéria principal de edições ao longo das edições entre 2015 e 2016. Discursos jornalísticos investem e fazem do corpo da presidente enunciado em fotografias, seu objeto, capturando-o e constituindo-o no principal significante de suas manifestações desde o desencadeamento à consumação do impeachment. As capas e os investimentos feitos pelas operações enunciativas jornalísticas atualizam um processo que vem se desenrolando ainda no final do século passado: o abandono de marcas (fotografias) de testemunhalidade que aludiriam ao jornalismo de apuração, dando lugar à foto-documentação – e recursos afins – em processo produtivo através do qual o jornalismo constrói a oferta da atualidade. Entre o impeachment do presidente Collor e o da presidente Dilma estas mudanças se acentuam. No primeiro, as revistas eram editadas valorizando a construção de referentes que oscilavam entre fragmentos do real extraído dos contextos da apuração e os investimentos pré-construídos, valendo-se estes de memórias de `arquivos midiáticos. No segundo, muitas questões emergem no contexto de uma espaço-temporalidade da midiaticização que se acelera. O campo jornalismo vê a mediação -enquanto atividade central na apuração, construção e relatos da atualidade – esmaecida. A produção do acontecimento já não pertence mais, de modo exclusivo, ao jornalismo, via seu trabalho de agendamento e, conseqüentemente, da soberania de suas regras enunciativas. O acontecimento passa a ser uma resultante de uma transação de agendas de vários campos sociais. E, especificamente, de operações discursivas que passam às mãos e estratégias de diferentes agendas e de processos de circulação de sentidos por elas acionados. O impeachment da presidente é, portanto, um acontecimento que se gesta em várias agendas e operações de inteligibilidades de diversos campos sociais em um contexto no qual o jornalismo perde a centralidade de “poder dizer” diante de tantas narratividades públicas e privadas, como àquelas formuladas por ‘gramáticas de produção’ dos campos da política, do judiciário, da economia, da polícia e também do senso comum. Porém, algo não se rouba do campo jornalístico e de suas competências e que diz respeito à eleição de um ‘corpo-significante’ apropriado por esta modalidade de discurso para enunciar suas inteligibilidades sobre o impeachment. O corpo submetido a imagens é um elemento central nas discursividades midiáticas, especialmente quando se propõe a reconstituir a ‘cena primária’, algo que já se passou em outra paisagem e que não pode retornar, a não ser através de uma ‘formação substitutiva’ que é a (fabricação) notícia. No caso do impeachment, através de manipulação sobre o corpo, algo que se dinamiza e se complexifica nos processos narrativos- verbais e não verbais - que emergem em consequência dos efeitos da midiaticização sobre a matéria significativa. Ou dizendo de outra maneira: não sendo mais possível um retorno

a um objeto (imediat) cuja existência já foi representada por determinadas operações enunciativas intrínsecas ao processo produtivo que lhe engendrou e lhe dinamizou. Somente outras operações poderão oferecer a possibilidade de leitura (e atualização) daquele objeto, este, porém, já exposto a um processo de circulação que trata de dinamizá-lo através de sentidos outros. Se o impeachment transcorre, ao longo de dois anos, praticamente, em dinâmicas de discursividades de campos sociais diversos, um relato sistemático e reconhecido, culturalmente, pelo sistema social de interpretação (os leitores) somente pode ser relatado pelas competências discursivas midiáticas quando as mesmas intervêm sobre aquelas, ensejando operações de enquadres e de molduras que possam dar contornos às inteligibilidades que são materializadas a partir de idealidades editoriais. Nestas condições, a cultura e as regras do jornalismo fornecem insumos para a operação desta atualização – e não o retorno – da ‘cena primária’. Elege-se o significante enquanto objeto de investimentos de sentidos, mas estes apenas aparentam produzir o ‘retorno’ à cena. Desta operação resulta apenas, uma atualização (certamente nomeada como outras cenas,) e não o desejado retorno. Da perspectiva da proposta deste artigo, pretende-se, então, eleger as capas das revistas como espaços onde se realiza tal trabalho tentativo de retorno às cenas do impeachment, segundo operações de investimentos de sentidos feitas a partir do corpo da presidente. Este, enquanto objeto, é capturado e dinamizado por várias operações tecno-narrativas dos discursos jornalísticos e transformado em um objeto outro como consequência da manipulação feita sobre ele por investimentos da ‘máquina jornalística’. O retorno à ‘cena primária’ não sendo possível (pois o objeto é sempre dinamizado por múltiplos processos de intervenção discursiva) resultam ‘restos’ da apropriação feita sobre o corpo por estratégias discursivas que visam, assim, a atualizar crenças e pontos de vistas afins aos ‘regimes de verdades’ dos quais o jornalismo é um lugar de co-enunciação, e as capas de revistas, instâncias de sua manifestação.

Canonicamente, as capas de revistas informativas são lugares que reúnem e ativam procedimentos técnicos e operações que expõem sentidos da atualidade (TRAVERSA, 2014). Mas, também trazem e deixam pistas e marcas de muitas operações discursivas deste complexo trabalho no qual se condensa o ponto de vista do discurso informativo sobre o objeto por ele referido. Mais que isso, as singularidades dos processos de apropriação que esta modalidade de discurso faz sobre o corpo significante. Especialmente no contexto em que corpo está sempre à deriva do poder de enunciação de uma instância que o extrai do universo da semioses (arquivos) e sobre ele profere o ponto de vista.

A intensidade de capas construídas sobre o impeachment (associando-o ao corpo da presidente) ao longo de um período de dois anos – gera a hipótese ampla segundo a qual o corpo é um objeto não só de representação, mas (condição) de construção do discurso jornalístico, enquanto um trabalho de mediação que além de mostrar seu objeto, diz o que faz para modelizá-lo à expectativa do ponto de vista. O corpo em oferta pertence à arquivos de vários reais, mas dele fragmentos são pinçados e postos a serviço de uma

determinada angulação que é tencionada e/ou demandada pelo trabalho da enunciação; fragmentado em vários ‘pedaços’ é, ao mesmo tempo, potencializado e dinamizado para que a enunciação possa fazer emergir determinado tipo de referente. O corpo midiático resultante da substituição da ‘foto testemunhal’ para ‘foto documental modelizada’ gera “grande quantidade de complexidades de signos” (CINGOLANI, 2015, p. 195). O corpo assim investido desencadeia sentidos sobre o impeachment segundo várias operações discursivas que apontam para diversas formas de inteligibilidades que o universo jornalístico produz sobre este acontecimento complexo.

1. Remissividades

De um breve retorno aos arquivos de revistas semanais e a estudos sobre cobertura que enunciam o trabalho midiático sobre o corpo, no contexto de ‘acontecimentos complexos’, extraímos alguns registros sobre a importância das capas como operadores de sentidos, que podem ser úteis para a compreensão de algumas observações apresentadas neste artigo.

Reverendo edições de algumas revistas, constatamos que em uma grande parte de seus ‘contatos com leitores’ – como cartas, editoriais, etc. há inúmeras de manifestações sobre o papel das capas. Descrevem a importância delas como lugar de organização do contato com o leitor (“A arte de facilitar a leitura” Veja, 20.7.2005); chamam atenção para a emergência dos editores de artes – capistas – ocupando o lugar da mediação testemunhal jornalística (“Tadeu, Reinaldo, Neri e Andre: tarefa de transformar o importante em interessante” Veja, 20.7.2005); descrevem o processo de escolhas de matérias do qual resulta a capa da edição (“em nome do leitor” Veja, 04.5.2005) Em operações autorreferentes exibem na própria capa, - ao lado de um editorial - não só um texto sobre a função do ‘arquivo de capas’ para a publicação de uma determinada edição, mas as imagens que foram objeto de extrações ali realizadas e convertidas em várias capas nas edições que cobriram as eleições em que participou, entre 1978 a 2002 – (“A pintura do metalúrgico” ISTO É, 30.12.2002). Valoriza-se de modo autorreferente a própria função desta modalidade de arquivo. O título do editorial faz também alusão ao processo produtivo das capas, ao lembrar a importância que ele presta no seu trabalho de restituição (“a pintura”). Numa segunda operação autorreferente, o editor de publicação especializada (revista IMPRENSA) relata as estratégias investidas nas capas de sete edições sucessivas da publicação, visando para cassação de um senador, por parte do congresso; e chama atenção para o fato de que esta decisão estava associada a um ato deliberado e intencional do *staff* da publicação: (“nós gostamos de derrubar ACM” – Imprensa, junho, 2001).

Junto a um segundo arquivo constituído por quatro estudos de capas sobre ‘acontecimentos complexos’ ocorridos ao longo das três últimas décadas, defrontamo-nos com coberturas que condensavam em suas capas semantizações sobre mortes e enfermidades de grandes figuras públicas, como

personalidades políticas, celebridades midiáticas e sobre processos de julgamentos de atores políticos. Tratavam particularmente, sobre funcionamento do discurso jornalísticos nos contextos das ‘sociedades dos meios’ e nas ‘sociedades em midiaticização’. Mostravam os resultados, que as capas vão muito além da condição de ‘porta de ingresso’ enquanto mapa da edição da atualidade construída. São operadores através dos quais se exteriorizam marcas de um modelo que fabrica o acontecimento. Mas, antes disso, fazem parte de uma topografia sobre cuja superfície o acontecimento ganha os primeiros passos de processos de circulação.

Mostra-se de modo condensado, a função das capas em quatro acontecimentos, particularmente operações enunciativas sobre fotos nos quais o corpo é o seu principal significante. No primeiro (FAUSTO NETO, 1988), destacado como uma ‘cobertura imaginarizada’ (referente à doença e à morte do presidente Tancredo Neves), a tarefa testemunhal jornalística não se faz porque esta modalidade de discurso perde o acesso direto ao objeto, para dele se apropriar através dos expedientes dos ‘arquivos’. Tirado de cena durante quarenta dias e entregue a cuidados médicos até sua morte, o presidente é transformado em um ‘corpo falado’ pelas mídias jornalísticas. A capa é o lugar no qual se dá a supressão de marcas do ‘discurso testemunhal’: não podendo se resgatar imagens do presidente, inventa-se outro modo de enunciar o real da enfermidade, pela extração e conversão de fotos de arquivos que atualizassem referências da cena hospitalar. Tal expediente presentificaria e atestaria a existência de marcas de um outro tipo de observação, diante do esmaecimento daquele provenientes do jornalismo testemunhal, em favor do jornalismo de modelização. Desaparece o jornalista como ator central, conforme assim ocorria na ‘sociedade dos meios’— e emergem os editores de artes e designers. Tira-se o fotojornalismo do palco, e através de outros processos de intervenção sobre a imagem, aponta-se, de modo retocado, a existência da atualidade. Vários fragmentos de reais retocados e associados à signos do calendário e imaginário da semana santa (calvário, agonia, via crucis, etc.), servem como fonte para nomeação e inteligibilidade do acontecimento enunciado nas capas. Se a notícia já é uma espécie de ‘formação substitutiva’, neste caso sua produção é submetida a uma segunda substituição. Para não deixar escapar a manifestação de sua vocação testemunhadora o discurso jornalístico lança mão de operações (extrações, capturas e de nomeação) fazendo surgir um corpo cuja presença /existência vem à tona através da imaginarização posta em forma dos textos.

No segundo caso, uma outra restrição sobre o funcionamento da testemunhalidade do discurso jornalístico manifesta-se em análise de uma cobertura de capas de revistas especializadas que enunciam as doenças e mortes de ‘olimpianos’ (Lauro Corona e Cazuzza), enquanto primeiros casos de AIDS no universo da indústria cultural brasileira (FAUSTO NETO, 1990). A mídia especializada origina uma complexa circulação de sentidos sobre os casos através de um trabalho ‘passo-a-passo’, ao longo da enfermidade e morte destes personagens. Em suas capas (Amiga e Contigo) abordam estratégias discursivas sobre os ‘modos de sofrer e de morrer’. Exploram seman-

tizações sobre a AIDS que acometia os ‘olimpianos’ mediante ‘discursos de celebração’, em sintonia com a existência de um mercado discursivo de leitores, constituído por admiradores. Chamam atenção para o fato de que somente ali naquele território seria possível se desenvolver modelo narrativo no qual doença e morte eram de certa forma, resignificadas. A cobertura testemunhal jornalística contempla rotina dos seus heróis, mas destaca o seu próprio trabalho de acompanhá-los; capta fragmentos do mundo dos olímpianos, mas predomina a exortação sobre as marcas do modo de enunciá-los. Entrevistas, fotos, etc., são substituídas pelo jornalismo categorizador e celebrativo. Doença e morte não morrem no corpo da ‘mídia do coração’. Os ‘olimpianos viajam’, deixando a promessa de um retorno que se materializa em outros discursos. A ‘mídia do coração’ opera como dispositivo que procura evitar que vínculos entre ‘olimpianos e fãs se desfaçam ao longo da ‘espera’ de uma ‘viagem não prevista’. Convida estes últimos a permanecerem em circuito de expectativa e de admiração. Mantem sentidos em circulação através da disponibilidade de um signo que atualiza os vínculos no contexto de um retorno anunciado. Oferece aos fãs, neste tempo de espera, uma outra imagem, a do “encarte especial {fotográfico} sobre a vida e carreira do galã” (Contigo, 28.8.1989).

No terceiro caso, destaca-se outra operação que aponta a substituição da foto testemunhal pela ‘foto argumentativa’, segundo análise de capas de edições da revista ISTO É sobre a cobertura de um processo aberto pelo congresso nacional contra o senador Antônio Carlos Magalhães, acusado de prática de corrupção. As estratégias adotadas não visam, apenas, a anunciar o acontecimento, mas agendar argumentações que deveriam ser levadas em conta pelo parlamento, no sentido de conduzir o julgamento do senador. O assunto ocupa o tema central das edições e aparece unificado em torno de enunciados verbais e não verbais, especialmente as fotos de arquivo usadas como significantes a serviço da estratégia adotada pela publicação. Os títulos aparecem combinando-se com imagens, através de modalizações avaliadoras e de natureza injuntiva. As imagens escolhidas para co-enunciar matérias, expressam ou predicam pontos de vistas que reforçam as posições em defesa da cassação do senador. Retiradas de uma reserva semântica do ‘arquivo jornalístico’, imagens opinam fortemente, pois muitas delas enunciam viés avaliativo, sem auxílio de textos verbais. O núcleo de interpelação a quem esta estratégia se dirige é, principalmente, constituído por um certo tipo de leitor com quem a revista co-divide a trajetória deste combate. Especialmente, o do universo parlamentar a quem se dirige de modo exortativo para tomada de decisões convergentes, com expectativas da publicação. Através da exibição de imagens do senador revela-se a existência de um corpo suspeito. As operações realizadas apontam um trabalho que se autonomiza da apuração, e que se fixa na defesa do ponto de vista ético valendo-se de manifestações textuais específicas, para sua explicitação. As regras inspiradas na modalidade de fabricação da notícia estão associadas às lógicas da modalização e não àquelas concernentes à apuração propriamente ditas. E no lugar de se valer da enunciação testemunhal, quando capturadas,

extraídas e modelizadas, as imagens são postas em circulação com marcas que vão além dos limites da vocação mediadora do discurso jornalístico.

O quarto estudo distancia-se dos três outros, pois o jornalismo perde a condição exclusiva para relatar (produzir) e fazer circular acontecimentos complexos. Outras instituições passam a dispor destas possibilidades, como foi o caso do Instituto Lula que produz e midiática as primeiras informações sobre o câncer do qual foi acometido o ex-presidente (29.10.2011). Rouba do campo midiático a primeira enunciação sobre o caso, retirando-lhe o 'furo' e o trabalho de 'exasperação' do caso. Somente uma semana após é que as revistas se apropriam da enfermidade, buscando assumir a partir de suas próprias capas, o controle da midiática e da circulação do acontecimento. Observam-se quatro estratégias nas quais imagens do presidente são a matéria-prima de diferentes construções. E a enunciação o mostra envolvimento entre fotos "categorizadoras", de "identificação", "metaforizontes" (VÉRON, 1996) extraídas e inspiradas em arquivos. VEJA anuncia sua entrada em cena, falando do "bastidores da luta de Lula contra o câncer" (09.11.2011). Apropria-se da imagem de Lula, semi-cabisbaixo, e com ar apreensivo, que serve de pose para explicitar o teor do enunciado verbal: "os bastidores da luta de Lula contra o câncer". ISTO É, indo além do ponto de observação, qualifica o efeito mais imediato da doença: "A Grande batalha de Lula" (09.11.2011). Exibe foto na qual o ex-presidente aparece de cabeça virada, com olhar para cima, a observar o título da matéria (principal) da capa. Ao lado deste primeiro enquadramento, enuncia "micro acontecimentos" relatando registros relacionados com as primeiras repercussões do caso. Em uma terceira estratégia, ISTO É GENTE (07.11.2011) abandona os ângulos das estratégias anteriores. No lugar da enfermidade, insere o ex-presidente na 'galeria de celebridades e dos imortais'. Do arquivo recolhe uma foto na qual Lula aparece de perfil, assim disposto, para ser visto. A enunciação da foto parece pedir do leitor um pouco mais de atenção ao enquadramento no qual a imagem está situada. De uma posição lateral, onde apenas parte de sua face é vista, Lula esboça um olhar distante. Ao lado dela, um enunciado verbal que, sobreposto à face do ex-presidente, proclama: "Lula, 66 anos, o mito e o câncer". Sem priorizar ângulos relacionados com a doença, a estratégia jornalística reúne, através de enunciados abaixo do título principal, fragmentos de depoimentos sobre o presidente-enfermo. Talvez já deslocando o presidente para além, a memória e a história... Contaminadas pela circulação dos acontecimentos em outras mídias e redes sociais, Carta Capital (09.11.2011) e Época (07.11.2011) situam-se no território da batalha suscitada por título de outra revista, mas desenvolvem a repercussão das opções médicas, etc adotadas por Lula para enfrentar o tratamento. Dialogam, especialmente com ressonâncias, vinda da circulação onde atores nas redes se lançam ao opinionismo midiático. Lançam também mão de fotos posadas para delas extrair seu teor argumentativo a serviço da enunciação verbal. CARTA CAPITAL: a foto em que Lula aparece com olhar levantado para o alto e, caindo sobre sua face o enunciado – título principal da edição: "Lula, a doença e a estupidez". Convertido em objeto, o corpo está ali asso-

ciado ao tom da reação dos internautas. Em convergência, a capa de ÉPOCA traz imagem do corpo de Lula exposto para o leitor, mas com olhar virado para o para cima. E uma mensagem sobrepondo-se à sua cabeça, anuncia o fato, via outro ângulo propositivo: “O SUS e o preconceito”. Cada uma das capas impõem à circulação estratégias enunciativas distintas, a partir do recurso ao mesmo procedimento que representa a extração de imagens de arquivo. Porém, há um efeito de sentido dominante e convergente entre as quatro estratégias, além das possíveis especificidades de ângulos pelos quais elas procuram se distinguir: Lula é antes de tudo, paciente do próprio tratamento dado pelas coberturas (FAUSTO NETO, 2012).

3. Hipótese preliminar: O acontecimento, segundo regras e operações

As capas e a transformação dos fatos em acontecimentos, resultam de critérios e deliberações técnico-organizacionais definidas nas fronteiras jornalísticas, mas sem ignorar os acossamentos que estas sofrem nos seus contatos com demais campos sociais e, especificamente, a ambiência da midiaticização em processo. Significa que estes critérios estão também em sintonia com a tensão e significância de fatos/acontecimentos que recobrem em termos de agendas, o espectro de um ambiente mais amplo. Sobre os critérios internos às fronteiras das instituições jornalísticas, lembramos que existem regras específicas através das quais os fatos ganham contornos a serem submetidos a enquadres e determinados emolduramentos, para se destacarem como acontecimentos. Segundo esta perspectiva, o fato é fruto de extrações feitas do tecido da semioses segundo regras distintas a cada suporte jornalístico. Em consequência, o “fato X” é transformado em múltiplos acontecimentos, segundo extrações, recortes, hierarquizações, “contratos” e recortes eleitos e observados por diferentes mídias jornalísticas. Tais parâmetros permitiram por longo tempo – no contexto em que as mídias jornalísticas se destacavam pelo exercício de uma atividade central, face a outros campos sociais – a admissão de uma hipótese heurística sobre as condições de produção de noticiabilidade. Ou seja, a noticiabilidade resultaria de lógicas, fundamentos e operações afins às idealidades jornalísticas e, especificamente, àquelas relacionadas com princípios, agendas e regras de cada suporte. Tal complexo processo de fabricação da realidade repousaria na autonomia e soberania do campo jornalístico para por em prática tais pressupostos, mas também, na observância inerente de lógicas e padrões editoriais específicos sobre os quais referido campo elegeria, selecionaria e dinamizaria os processos de noticiabilidade. E, assim levados em conta, permitiria admitir a hipótese segundo a qual “notícia, tudo o que couber, a gente publica” (Darnton, 1990, p. 324). A noticiabilidade sempre se fez segundo articulação entre rotinas internas às produções jornalísticas e fatores exógenos. Significa dizer que a produção do aconteci-

mento resulta de complexas transações de agendas, embora saibamos que o campo jornalístico goza de autonomia relativa para eleger as regras que vão orientar os processos de noticiabilidade. Significa também dizer que ele não ignora dimensões relacionais que incidem sobre eleição e funcionamento dos seus processos de noticiabilidade. Particularmente, uma das dimensões sobre a qual o jornalismo recorre e funciona como referência ao seu trabalho enunciativo, diz respeito à atividade interdiscursiva, precipuamente, operações e decisões que estariam situadas na esfera de complexidades mental, cognitiva, cultural, linguística, etc., que extrapolam as fronteiras da ‘episteme jornalística’. E, dentre os fatores que extrapolariam as fronteiras dos ‘regimes de discursividades’ do jornalismo, efeitos da atividade da midiatização sobre o trabalho de produção e circulação de fatos transformados em acontecimento. Dimensões sócio-técnicas que aparecem no contexto da midiatização operam no tecido da semiose, complexificando as linguagens, promovendo novas formas de extrações junto à matéria significante, ensejando novos ‘modos de dizer’, segundo ação de circuitos de sentidos que, despreendendo-se de estruturas ingressam em circuitos, fazendo emergir narrativas com marcas desta mutação. Particularmente, em relação aos ‘discursos das imagens’ “uma das consequências que teve a midiatização sobre o suporte fotográfico foi sua inserção em contextos discursivos mais amplos que ultradeterminam o funcionamento da imagem” (VERÓN, 1996, p. 62) e, do ponto de vista deste artigo, a midiatização da fotografia jornalista nas revistas semanais informativas.

4. Midiatizando o impeachment da presidente

Tomamos como referências capas de revistas informativas, (Isto É, Veja, Carta Capital e Época) que aparecem semanalmente, em 2015 e 2016, segundo temporalidade diferida em relação à circulação dos jornais (diários), das emissões tele-informativas e os fluxos das próprias redes sociais. Geram um tipo de atualidade sobre o apanhado da semana sobre o impeachment, a partir da exteriorização de materialidades de operações enunciativas. As capas são entendidas enquanto dispositivos que preparam sentidos ao desenvolver, segundo regras e operações determinadas, as ‘mecânicas’ de fabricação de um real que se engendra a partir de matérias sensíveis transformadas em discursos que aparecem subordinados a diferentes sistemas de classificação/de edição de matérias. Conforme hipótese acima, o impeachment nasce de operações realizadas pelo trabalho de produção discursiva jornalística junto a semioses, através da extração de vários significantes, enquanto fragmentos discursivos que, sendo submetidos às regras de operações de enunciações diversas, possibilitam a emergência do acontecimento emoldurado em torno de um complexo trabalho de inteligibilidade. Portanto, parece-nos chave admitir que todo o processo de produção de sentidos tem uma manifestação material que sempre resulta de sequências de operações técnicas (VERÓN, 1987; 2013).

Pensando sobre o impeachment, considera-se que se trata de um acontecimento que é construído na esfera da mídia jornalística, em termos processuais. Desencadeia-se no início do segundo mandato presidencial de Dilma Rousseff (2015), fato que é atestado pelas próprias capas das revistas (além de amplas matérias de jornais, e outras mídias). Desde aí, os discursos jornalísticos abrem o processo do impeachment nas suas próprias fronteiras, através de tematização que envolve o impeachment e o corpo da presidente, em enunciados ao longo de quase uma centena de edições das revistas. Elegemos um corpus de 18 capas nas quais o corpo presidencial se constituía como principal operador na referência do impeachment. Levando em conta os limites do espaço de um artigo, consideramos para fins desta publicação, apenas parte deste universo. Condensam, de alguma forma várias operações que se manifestam em um contexto mais amplo no qual o corpo presidencial é objeto de um trabalho de fabricação deste acontecimento.

Uma das propriedades da ‘fabricação jornalística’ realizada pelas revistas caracteriza-se pelo fato de manejarem operações, geralmente consoantes com as lógicas e regras do seu sistema produtivo, visando a oferecer a atualidade semanal. Uma delas é atravessada por um elemento estrutural: a atualidade é preparada com antecedência, sendo pressionada pelas ocorrências da semana, estas já enunciadas por jornais, emissões televisivas, sites, etc. Recebem também a pressão das edições de fim de semana da mídia cotidiana, além do fluxo ininterrupto das emissões da TV e rádio e da circulação em tempo real das redes digitais. As capas sofrem as injunções desta temporalidade. E não trazendo à tona o calor de fatos da cotidianidade, optam por matérias que são submetidas a um largo e complexo trabalho de intervenção de processos editoriais e de um trabalho enunciativo. Estes são pressionados pela condensação da temporalidade e desafiados a especificar a singularidade da atualidade por eles enunciada, para identificar a presença da edição semanal da revista em novo ambiente da circulação.

Este condicionante nos leva a constatar que as capas trazem em sua superfície cada vez menos fragmentos dos processos de apuração jornalística, propriamente dita, e mais àqueles relacionados com o processo de sua fabricação que é operado por editores, dentre eles – os chamados ‘capistas’. Particularmente, as fotos de arquivos que substituem as fotos que emanariam do real da apuração. E no caso das coberturas sobre o impeachment, estas últimas são inseridas quase na sua totalidade, resultando de recursividade a arquivos e a expedientes de modelização e de ‘animação gráfica’. O acontecimento anunciado em capa é deste modo, um produto que resulta mais destes investimentos da ‘bricolagem’ dos editores do que um real apurado e reconstituído pela atividade testemunhal. A seguir exercitamos leituras de algumas capas procurando descrever alguns operadores sobre o corpo da presidente, mediados por processos de extração, captura e nomeação cuja intervenção e enunciação fabricam uma certa noção de real de um impeachment.

a. Insustentável Leveza, sem apoio

Segundo as capas estudadas, o corpo da presidente é já, um ano antes do impeachment – o principal operador de sentidos eleito e levado adiante pelos processos editoriais, através de três operações: inicialmente, captura-se as imagens do corpo da presidente de vários arquivos, segundo critérios que variam desde gostos e imaginários dos editores e capistas aos princípios semantizadores que orientam o uso do corpo, para além de mero recurso de ilustração. Após a captura, com a imagem tendo sido extraída de um universo de outras imagens, é selecionada para ser inserida na superfície da página sempre numa relação com o título identificador da revista e com título principal da matéria, segundo uma articulação que explicita o(s) ângulo(s) semântico(s) principal(is) da edição. A escolha da imagem do corpo pressupõe aquele que vai dar sentido ao tema (assunto) da edição. Segundo este pré-requisito, dos arquivos extrai-se o corpo de Dilma em posição convergente com o ponto de vista editorial que visa, com a sua manipulação, a fazer com que ele possa correferir títulos verbais. Ou, trazer, em grande medida, dimensões significantes capazes de produzir por si mesmas, os sentidos presumidos pela oferta da capa. Significa ainda, conforme veremos, que desta `tríade` resultam vários corpos produtos da reprodução fotográfica e de sua renomeação por parte do processo editorial. Estamos diante de um singular processo de circulação interno ao dispositivo jornalístico. Na figura 1, a imagem de Dilma aparece de perfil olhando de frente, para o leitor, em circunstâncias, sentada em um sofá, flutuando sobre nuvens. Para especificar a compreensão que o discurso jornalístico quer dar ao acontecimento, se faz a inserção de um título: “Insustentável Leveza” como nomeador do acontecimento em fabricação, e que é situado logo abaixo do sofá onde o corpo é destacado. O título recorre a um fragmento da obra literária (“A Insustentável Leveza do Ser”), fazendo a ‘maquinaria jornalística’ uma associação entre eles. Ambos falam de ‘insustentável leveza’, mas o comentário inserido abaixo do título da matéria trata de explicar a incerteza, assim desqualificada: “sem apoio popular e do congresso o governo Dilma flutua em um ambiente de incertezas, enquanto suspeitas de corrupção chegam perigosamente, perto do Planalto” (Figura 1). Pode-se ainda indicar uma outra operação de produção de sentidos realizada nesta superfície discursiva: a subordinação à totalidade da capa unificada semanticamente, em torno de Dilma, articulada a um pequeno fragmento que é a imagem do juiz Sérgio Moro, inserida na parte superior da capa. A disposição diagramática produz tal associação entre o aspecto geral da capa com este fragmento, através dos efeitos de vinheta horizontal, ao longo da superfície da capa. Trata-se de uma tênue linha que dissimula as articulações/fronteiras entre os dois conjuntos, ao mostrá-los como acontecimentos distintos. Mas, as disposições através das quais eles são situados na espacialização da capa, mostram que a vinheta não impede aflorar os sentidos que os vincula.

Figura 1: “A Insustentável Leveza”



Fonte: VEJA, 15.07.2015

b. O corpo sitiado

Variações do tom de cores impostas ao fundo das capas das edições, exprimem, de alguma forma, a complexidade do trabalho enunciativo que ali é feito. Tal inserção de cores fortes – entre o preto e o vermelho – vai ser uma constante nas edições estudadas. Já em julho de 2015, uma estratégia enunciativa de caráter indicial é desenvolvida por ISTO É. Uma foto (Figura 2) da cabeça da presidente é enquadrada em todo universo da capa, afixada sobre a superfície de fundo preto. Sobre a cabeça da presidente superpõe-se o título da publicação funcionando como um duplo operador: de um lado, o de identificação da revista, e de outro de natureza indicial. Ao título ISTO É se somam a foto do corpo- presidencial, título e subtítulo da matéria, além de um outro elemento: “especificador” (EXCLUSIVO), indicando o que vai ser examinado, como matéria principal, na edição. Diferentemente, da figura 1, o corpo da presidente está exposto de um modo distante, não sendo exibido para um contato, de modo imediato, do leitor. Subordinado e ‘sitiado’ aos limites dos enquadres diagramáticos, os primeiros sentidos sobre esta montagem serão proferidos pela própria enunciação: “EXCLUSIVO O RASTRO DO DINHEIRO DO PETROLÃO NA CAMPANHA DILMA”. O rosto da presidente não funcionaria apenas como uma imagem a serviço da ilustração do que relata a matéria, conforme poderia se imaginar. Mais que isso, trata-se de uma imagem que está associada, segundo a montagem, a uma noção de suspeição.

Seja pelo “enquadre” mostrando sua face enrugada e olhar perdido, seja ainda pelo fato de a mesma estar presa a uma intencionalidade pré-definida conforme a operação do dispositivo de enunciação. Ao invés de ofertá-la de modo “autônomo”, para interpretação do leitor, o dispositivo mostra que a imagem está assim, intimamente vinculada ao enunciado verbal que vai relatar a matéria. Assim, a inserção dos textos do título e do comentário, trata também de efetivar a natureza categorizadora e, ao mesmo tempo, predicativa, desta oferta informativa. Ao se dirigir ao leitor, o enunciado verbal destaca o papel da competência mediadora do jornalismo, segundo o enunciado verbal, mas é preciso associá-lo a um corpo, enquanto objeto e, neste caso, a retórica do título necessita da imagem de arquivo para que seja explicitada a intenção do enunciador. Ou seja, “claramente que sua intenção não é mostrar a atualidade, senão dizer-vos o que pensa dela” (VERÓN, 1996, p. 63).

Figura 2: “O Rastro do dinheiro do petróleo na campanha de Dilma”



Fonte: ISTOÉ, 22.07.2015

c. Associações

De outros imaginários se valem as estratégias enunciativas investidas nas capas para ir pavimentando o tema do impeachment. Outros corpos são apropriados e colocados ao lado de enunciados para coenunciar pontos de vistas que incriminam a presidente. Repete-se parcialmente, na figura 3 o que já se manifestara na figura 2, quando o nome da revista desponta como o lugar indicial a

apontar o status do próprio título da edição. Desta feita, como primeiro efeito de extrações, a associação de um conjunto de fragmentos de enunciados: “As mentiras de Dilma e o Reino do Pixuleco arrasam o país” (ISTOÉ). Ali, aparece um novo significante (o do Pixuleco) que é construído por discursos heterogêneos (político, humor, jornalístico, etc.). Trata-se de apontar a associação da imagem da presidente com um território (o “reino”) e cuja visualização de sua existência vincula-se ao corpo de um boneco inflável, que com seus 12 metros, já circulava pelas manifestações antigovernistas, associado à temática da corrupção e, especificamente à “Operação Lava-Jato” (Figura 3). Ali na capa ele funciona como uma espécie de índice a especificar a existência de um reino. Não se trata apenas do boneco inflável, mas de uma figura que traz no peito as insígnias do seu território. Ali manifesta-se um punctum (BARTHES, 1980): exibindo uma estrela enquanto emblema de sua referência e, possivelmente, sua associação com a estrela enquanto símbolo do petismo.

Figura 3: “As mentiras de Dilma e o reino do pixuleco arrasam o país”



Fonte: ISTOÉ, 16.09.2015

d. Saída antecipada

Ainda em 2015, a figura da presidente é associada de modo mais explícito à do boneco e, pela primeira vez (Figura 4), capa midiática a “deposição” de Dilma. Um fragmento do corpo da presidente aparece, ao lado do corpo do boneco Pixuleco. Ela é situada em plano inferior diante da ro-

bustez do personagem do discurso humorístico-político. Este aparece em um plano mais elevado, em relação ao corpo presidencial. Ela traja roupa com vermelho e preto, e passa a faixa presidencial ao Pixuleco, investido de uma outra marca, a de um corpo que traja uniforme de presidiário. No plano central da página, o título: “ELA PASSOU A FAIXA”, que especifica o sentido daquela imagem e o seu beneficiário. Porém é na esfera de um texto menor, que aparece na forma de um comentário, abaixo do título, esclarecido o sentido da passagem da faixa: “Dilma entrega o núcleo duro do governo a Lula, os grandes ministérios ao PMDB e se enfraquece ainda mais”. Distante ainda do impeachment, a enunciação jornalística já atualiza o tema do impeachment, antecipando pistas da sua possível viabilização. Texto e imagem aludem a uma saída da presidente ao anunciar fatos novos que são modalizados segundo a artilharia interpretativa jornalística. Ou seja, o que significa o desencadeamento do processo do impeachment para o Brasil, o que dele esperam segmentos da sociedade. E avalia ainda, o estágio de trajetória de queda no qual ela se encontra: “[Dilma] se enfraquece ainda mais”. De alguma forma, uma das elaborações sobre o afastamento de Dilma já é imaginarizada em edição de VEJA, no final de 2015.

Figura 4: “Ela passou a faixa”



Fonte: VEJA, 14.10.2015

e. O impeachment tematizado

As capas têm atualizadas em suas superfícies as cores preto e/ou vermelho. Isso aponta para indícios de apreensão através dos quais a maquinaria jornalística anuncia fatos associando-os com aspectos de drama-

ticidade, preocupação, desenlace, mas também , envoltos em tematizações predicativas, etc.

No final de 2015, a mídia semanal anuncia o início do processo do impeachment, uma vez acolhido o pedido de advogados de partidos de oposição, por parte do Congresso Nacional. Duas capas explicitam o seu desencadear, conforme as figuras 5a e 5b. Na revista ISTOÉ, na capa de fundo vermelho, dois acontecimentos ocupam a sua superfície, no início do verão. Com ecos de tragédia, eclode a disseminação do Zika Vírus. E na parte superior da capa o discurso jornalístico semantiza sua existência e efeitos: “A Pandemia do Verão - O Zika Vírus chega mais mortal do que nunca e coloca o país em pânico”. Abaixo do título da revista (ISTO É), que funciona como um divisor indicial, entre um e outro título, uma segunda ‘pandemia’ é anunciada, mas desta feita interroga-se sobre horizonte do seu término: “Começa o impeachment – O que falta para ela SAIR?”. O registro do evento político é enunciado de modo interrogativo, ocupando, praticamente, a extensão da capa. Dividido em quatro segmentos o título acentua também os efeitos da ação verbal, quando a mesma é grafada em letras maiúsculas (SAIR). A capa sem enunciar desta feita, nenhuma imagem, é praticamente, transformada em uma espécie de um cartaz constituído pelo título da publicação; em grafia menor o ante título da matéria, que corresponde o operador de localização/identificação do acontecimento (“Começa o impeachment”); o enunciado principal, formulado em tom interrogativo; e, em seguida, um texto abaixo do título, através do qual o discurso jornalístico formula uma resposta, ele mesmo, sobre o fim desta outra ‘pandemia’. Indo mais longe do que os efeitos da pandemia do Zika Vírus, o discurso jornalístico descortina os efeitos da efetivação das ações a favor da efetivação do impeachment, já em processo: “[Ele] deve tirar o Brasil da paralisia. Empresários (...) anseiam pela saída de Dilma e por um pacto nacional que resgate a credibilidade do país”.

A capa de VEJA totalmente organizada sob um fundo preto traz uma matéria que explicita o tema do impeachment, em já comemorado , na forma de uma edição especial, no final de 2015, quando o congresso acolhe o pedido do processo. Se a imagem de Dilma aparece na figura 5a, na forma de uma silhueta ao fundo, cuja sombra contrasta com o título, a capa enuncia uma foto categorizadora (5b de VEJA). Traz um fragmento do rosto de Dilma extraído de um outro contexto, com marcas de rugas, com semblante tenso e amargurado. A foto categoriza a imagem da presidente como um corpo à deriva. Sobre ela, o título em letras maiúsculas: IMPEACHMENT. Não se trata de uma foto posada, mas cujo processo de extração trata de submetê-la a um enquadramento determinado no qual o corpo da presidente aponta indícios de abatimento e de isolamento. Ao lado desta operação um conjunto de ‘micro acontecimentos’ que são organizados simetricamente ao corpo da presidente, destacando-se dentre eles: “o passo-a-passo do processo que visa à derrubada da presidente” e outro: “como a Lava Jato dará munição aos defensores do impedimento”. Visam a desenvolver operações de fundo didático ao falar da processualidade do impeachment e, de alguma forma, da ‘Lava Jato’ como uma das fontes do seu engendramento.

De um modo distinto, ÉPOCA (Figura 5c) também já comemora em edição especial o impeachment. Faz ingressar em sua capa, em tom cinza, uma imagem da presidente que é sobreposta pelo título da publicação e pelo título da matéria (Impeachment) que aparece deslocado para parte superior da superfície, ao lado de marca identificadora da natureza da edição (especial). O corpo da presidente apresenta olhar perdido, emitindo impressões de um semblante que reúne tensão e angústia. E sobre seu busto um título formulado e dirigido ao leitor, em tom interrogativo: “Ela resiste?”. Trata-se de uma operação na qual o dispositivo distancia-se (pelo menos na esfera da capa) e oferece ao leitor a possibilidade de construção de respostas.

Figuras 5a, 5b e 5c



Fonte: Revistas ISTO É, VEJA e ÉPOCA

f. No colo do marketing

A cobertura do impeachment ganha uma disseminação apoiada em fatos que são relatados por fontes dos setores de investigação. Enquanto segundo relato, o de natureza jornalística preserva de alguma forma, marcas da presença do aparato investigativo ao explicitar pistas de suas manifestações, especificamente pela cessão de documentos, declarações, etc. É a partir daí que uma segunda investida é feita pelo potencial interpretativo midiático, ampliando e predicando – ao seu modo – novas cenas, conforme alguns comentários abaixo sobre a figura 6. Embora já situado no contexto do processo do impeachment – cujo primeiro passo foi dado no território midiático (Fig. 5) – o título fala no início de 2016 (02/03) sobre “A volta do impeachment” (Figura 6a). Talvez para acentuar o trabalho feito em uma das últimas edições do ano anterior (quando a mídia jornalística efetiva o começo do processo) e suas articulações com a primeira do ano seguinte. Desta feita para oferecer ao leitor ‘uma visão por dentro’ das cenas de cuja descrição resultaria o defendido impedimento da presidente. Mas, olhar as cenas por dentro implicaria, antes de tudo ‘fabricá-las’, dando-lhes devido emolduramento e que se expressaria na imagem que é inserida na superfi-

cie da capa, cujas cores (totalmente em vermelho) ressaltam o pedido de atenção sobre o que a matéria vai mostrar. A capa reúne dois planos: de um lado, fragmentos do processo de apuração conforme acima aludido e, de outro, a fotomontagem. Possivelmente, não se possa suspeitar sobre a existência da foto; certamente ocorrida em um específico contexto no qual o marqueteiro João Santana e a presidente tenham estado juntos, conforme as disposições apontadas pela imagem estampada. Porém, pode-se suspeitar sobre as condições que geram e estampam a enunciação da fotografia que compõe a capa. É possível que tenha sido deslocada de uma outra situação cujos signos poderiam oferecer elementos a serem dinamizados para fundamentar estratégias editoriais adotadas na capa em análise. Um destes elementos visa a fazer uma extração da foto da presidente de um contexto dado, para atualizar, em termos de sentidos, um outro pleiteado pela matéria em edição. Ou seja, mostrar mais um aspecto do ‘regime de desqualificação’ do corpo presidencial, ao situá-la como uma pessoa subordinada ao marqueteiro. O marqueteiro visto, ao fundo, quase sobre o corpo da presidente, é investido de um poder – o do saber sobre produção de imagens dos seus clientes –; aparece em um gesto de expectativa, com o seu olhar sobrepondo-se ao corpo da presidente, cujo olhar está entregue a sobrevoos de pensamentos. Aparenta o marqueteiro, gesto de contenção face à postura do corpo da presidente, de cuja expressão pode resultar alguma mensagem a transformar a postura de espera – ou de domínio – do marqueteiro em ação. Vimos em trabalhos por nós estudados, depoimentos de editores – ou aqueles considerados de ‘capistas’ – sobre a performance da produção de capas. Diziam, dentre outras coisas, que suas preocupações principais buscavam capturar ou produzir imagens que pudessem mostrar afinidades com conteúdos abordados pelas matérias (FAUSTO NETO, 2006). Ou seja, as modelagens sobre as imagens estariam a serviço do modo através do qual notícias eram editadas.

Para explicar a natureza de uma investigação feita pela ‘Lava-Jato’ – a ‘Operação Acarajé’ – a capa (Fig 6b) mostra e ratifica o poder do marqueteiro. Se este tinha ascensão sobre a presidente, desta feita é exibido como uma espécie de ‘mago’ cujas influências se ampliam em relação aos clientes. Lula e Dilma, exibidos em torno de imagens e corpo heterogêneos (marionetes e pessoas), aparecem sentados sobre o colo de João Santana. A imagem recebe do próprio dispositivo jornalístico um comentário, enquanto fechamento de sentido sobre o que exhibe como sentidos. Santana é algo mais do que um mago e Dilma e Lula, não apenas clientes do discurso marqueteiro: “[Santana] como o mais hábil profissional da mentira e da manipulação fez campanhas de Lula e de Dilma e recebeu dinheiro sujo no Brasil e em contas na Suíça. Ela pode perder o mandato. Ele, a pouca credibilidade que lhe resta. As imagens mostradas nas figuras 6a e 6b apontam para elementos sobre o trabalho de captura, extração e nomeação, porque são submetidas à fina articulação com textos, além de efeitos metafóricos ao apontar de algum modo, a subordinação dos atores políticos àqueles dos consultores e dos especialistas em

marketing. Também é razoável pensar que “a volta” aludida pelo título da matéria (Figura 6a) tem a ver com um certo tipo de anúncio feito pelo processo editorial, ao registrar seu retorno ao tema do impeachment. Indica também que este trabalho de modelagem vai além das operações já descritas, submetendo o impeachment em processo a novas construções enunciativas, conforme se descreve a seguir.

Figura 6a e 6b



Fonte: Revistas ISTO É e VEJA

g. O corpo assujeitado

As imagens que seguem (Figuras 7a, 7b e 7c) podem ser chamadas de ‘fotos paradigmáticas’. Por meio delas, mostra-se marcas da intervenção da ‘tríade’ de operações efetuadas pela enunciação jornalística para caracterizar o seu modo de mostrar a imagem da presidente.

Em três edições distintas o corpo dela aparece de modo passivo, “assujeitando-se” às disposições da modelagem técnico-editorial, destacando-se sobre as superfícies em tom preto, do conjunto delas. Na primeira, debruçada sobre um sofá é posicionada à distância para ser vista, segundo postura que oferece pistas para o sentido atribuído ao enunciado verbal lançado sobre sua imagem: “A Presidente sem Poder”. Talvez, a imagem sozinha poderia oferecer várias leituras segundo angulações que remeteriam, por exemplo, às impressões de impotência, abandono, aprisionamento no qual se encontraria a presidente. Mas, o dispositivo não deixa o objeto ofertado sem leitura, e trata imediatamente, de especificar à imagem um sentido preciso. Este se manifesta no título grafado em maiúsculas bem como em letras vermelhas e brancas: a ‘presidente sem poder’. No enunciado abaixo formula um comentário onde avalia de modo negativo os atos da presidente, fazendo ainda previsões sobre

sombrios cenários a respeito do mandato presidencial: “Dilma se enfraquece perde tempo ao lançar um pacto de ajuste equivocado – e deve enfrentar um Congresso cada vez mais hostil” (Figura 7a). A figura 7b mantém padrões da figura anterior em relação ao tom de cores da capa. Mas desta feita, apresenta o corpo da presidente de perfil, com olhar semi-cabisbaixo e contrito, submetido ao conjunto de títulos enunciados. O título principal anuncia na parte superior da capa, em letras grifadas e em tom amarelo: “DILMA SOB ATAQUE”. Ao explicar o título acima, o comentário afirma que o ataque tem a ver com o fato de ela ser “incapaz de fazer aliados no congresso e acossada nos tribunais de Brasília, a presidente enfrenta sozinha batalha decisiva para salvar seu mandato”. O texto procura justificar o contexto no qual ocorre o ataque a que ela está submetida e qualifica a natureza da batalha por ela enfrentadas, especificada como decisiva. Seria plausível pensar numa associação entre batalhas por ela enfrentadas. Em capa anterior, mostra-se (fig 2) e fala-se de uma batalha que trava com o congresso. Desta feita, do aprisionamento do seu corpo às operações enunciativas que apontam a existência de um corpo paralisado, cabisbaixo, sem nenhum índice de vínculo com o mundo externo, em suma: as estratégias de construção da capa repetem as mesmas operações já produzidas anteriormente, conforme utilizadas naquela figura. Praticamente, um ano e meio antes do desfecho do processo, a presidente já era um objeto deste complexo aprisionamento, quando se mostra a ‘pose’ da captura que a vítima. Se no início de 2016 o processo corria no Congresso, um outro, desencadeado pelas mídias jornalísticas, parecia mais célere pois a presidente é formalmente colocada no banco dos réus. A totalidade da superfície (Fig. 7c) da capa em fundo preto é ocupada por matéria cujo título na parte superior anuncia a sua condição de ré, de modo determinativo: “Os 7 crimes de Dilma”. Em seguida, um enunciado que funciona como um comentário que reúne duas afirmações opostas: a primeira em que a presidente nega haver justificativa para existência dos crimes aludidos. Porém, a adversativa ‘mas’ mostra a oposição entre a primeira e a segunda afirmação, na qual o texto jornalístico toma posição pró-impeachment, ao fazer seu o ponto de vista dos órgãos responsáveis pela investigação: “mas o MP, a PF e a Justiça Eleitoral já têm elementos para acusá-la pelos crimes de obstrução da justiça, improbidade administrativa, desobediência, falsidade ideológica, extorsão e abuso de poder, além de pedaladas fiscais”. Abaixo do título principal que trata de denunciá-la, bem como do comentário que qualifica a descrição dos crimes, mostra-se um corpo em fragmento. Com seu busto exibido, com olhar cabisbaixo, parece escutar a sentença. A foto-pose é enunciada para que o ponto de vista da enunciação seja, visualmente, didatizado .

Figuras 7a, 7b e 7c



Fonte: Revistas ÉPOCA e ISTO É

h. ‘Interditá-la’ antes do impeachment

Salientamos até o presente que a totalidade das imagens da presidente situadas nas capas derivavam de buscas e extrações dos processos editoriais. A maioria delas destituída de quaisquer ressonâncias de fragmentos emitidos por situações nas quais a presidente estivesse presente. Este fato dava razão para afirmativa segundo o qual de acordo com estas construções não havia fatos, mas operações de avaliação. Porém, em uma das edições, na véspera da primeira votação – a da admissibilidade do impeachment por parte do congresso nacional – surge uma imagem da presidente (Fig. 8) cujos detalhes servem, da racionalidade jornalística, como critérios de transformação do fato em acontecimento. Durante os jogos da última copa do mundo, a presidente vestida com as cores da camisa da seleção, assistia a um dos jogos. E imagens cuidam de registrar gestos pelo quais exprimia, em tom efusivo e nervoso, sua manifestação de apoio ao time nacional. Dois anos depois, já no contexto do impeachment em processo, estas imagens são deslocadas para as edições mais recentes e, submetidas a um outro contexto. Um outro trabalho enunciativo é feito sobre a foto. A imagem da presidente circula para uma capa de edição mais recente onde é publicada, ocupando toda a sua superfície e sendo destacada pelo tom atribuído por uma outra enunciação. O que na manifestação original era um gesto espontâneo de uma torcedora, no contexto atualizado pela montagem, ele era transformado em manifestação da tensão vivenciada pela presidente nos dias que antecediam a votação do impeachment. Nada melhor do que uma prova de expressão do rosto da presidente, que deslocado de uma inserção anterior, trazia toda uma ‘sintomologia’ apontando indícios de sofrimento mental. Se através da foto acontece uma operação de atualização do seu conteúdo- com seu deslocamento para outra edição- o título faz uma segunda operação que consiste em assegurar a especificação do novo contexto e, também, do novo sentido atribuído à imagem: “As explosões ner-

vosas da presidente”. O texto abaixo ao título vai mais longe e testemunha a veracidade dos sintomas apontados na foto ao afirmar que a presidente emite surtos emocionais, apresentando descontroles. Mais: profere uma outra sentença, ao atestar, finalmente, que ela teria perdido as condições emocionais de governar. O discurso jornalístico emite assim, de modo antecipado laudo que noutros contextos seria confiado ou emitido, por outras competências, como o campo médico. Estaria, nestas condições, decretando por uma operação de desqualificação, de modo antecipado o fim de mandato. Antes de ser impedida, a presidente deveria ser interdita.

Figura 8: “As explosões nervosas da presidente”



Fonte: Revista ISTO É

i. Dando voz

Se o corpo da presidente era apropriado segundo as mais diversas estratégias, servindo de objeto para diferentes procedimentos argumentativos, predicativos, etc., em nenhuma delas sua voz é enunciada praticamente, nos circuitos da midiaticização. No máximo, possíveis fragmentos de sua fala eram inseridos em corpo de matérias tomadas nas modalidades do discurso indireto ou, discurso indireto livre, modalidades estas servem para ilustrar a distância que as estratégias discursivas mantinham com a presidente, enquanto um personagem que é por elas falada, mas sem possibilidade da sua fala se manifestar e sem interveniências reguladoras do dispositivo jornalístico. A única exceção a tal restrição acontece quatro meses antes da sentença do impeachment ser consolidada, quando seu corpo age e fala: ela é mostrada em situação de diálogo, com a instituição jornalística, através de uma entrevista. A capa (Fig. 9 CARTA CAPITAL 19.5.2016) traz claras marcas dos operadores do funciona-

mento deste protocolo. Sua imagem ocupa toda a extensão e seu corpo aparece de forma ativa – gesticulando – e seu olhar dirigido ao fundo da cena onde se encontraria um(a) jornalista – operador desta forma de contato. Além da foto, há um título abaixo do seu corpo enunciando seu nome como o próprio título da matéria, articulado a um outro operador que destaca a entrevista como manifestação da mediação jornalística. Nestas condições, se possibilitava que o corpo da presidente fosse transformado de corpo falado em um corpo que fala. Ali, em uns dos enunciados que transcrevem fragmentos da sua fala insere-se uma mensagem através da qual ela reconhece que o impeachment como um processo, não havia sido concluído pelo fato de ela ter sido afastada e estar aguardando a votação do Senado. Embora manifestações midiáticas já houvessem realizado impeachment segundo suas próprias resoluções discursivas, para Dilma: “o capítulo final do impeachment não terminou” (Carta Capital, 19.5.2016) . Lembrava que as discursividades das instituições funcionavam, portanto, segundo temporalidades diferentes.

Figura 9: CARTA CAPITAL – 19.5.2016



j. O corpo, uma silhueta na penumbra

A diagramação da capa de ISTOÉ totalmente subvertida na sua edição especial sobre o impeachment em 20.4, que circularia um pouco após a realização da sessão (18.4) da Câmara, onde se processaria a primeira votação do impeachment, antes do seu encaminhamento para votação no Senado Federal. Mas, apesar desta data de registro de circulação, ela aparece, de fato, nos fins-de-semana, inclusive naquele em a Câmara votaria a admissibilidade do impeachment. E na improbabilidade de anunciar os resultados, elege uma capa totalmente atípica, elegendo estratégia na qual coloca a

edição numa espécie de `circuito –em ato do impeachment`. Desta feita, com a superfície em tom de cinza, e sobrepondo-se ao espaço por ela ocupado, emerge o corpo da presidente em tom preto e reduzido à condição de uma silhueta disposta de perfil. Sobre esta, aparece o título da publicação quase colado na cabeça da silhueta e sobrepondo-se ao corpo dela desliza um texto que contorna o seu formato, até a altura do seu pescoço. O texto recebe como título: ‘Não vai ser golpe’ o qual é repetido abaixo, ao seu final. Aparentemente atemporal, pois poderia ser anunciado em outro momento, o texto funciona como um editorial e tem como contexto a votação do impeachment no domingo, momento de aparecimento da edição. Resume os motivos do impeachment que justificam a sua aprovação, assegurando que toda fase processual cumpriu “à exaustão todas etapas constitucionais e será justo o desfecho de uma gestão que se corrompeu de forma nunca antes vista na história deste País”. O desenvolvimento destes argumentos visa especialmente a justificar a aprovação do impeachment dissociando-o da ideia de golpe que se disseminava em setores da sociedade. Ao romper com as resoluções e convenções que designam a capa como espaço que organiza e condensa as formas de contato do leitor - via sua oferta informativa - observa-se tal e protocolo cede ao ser a capa transformada em um cartaz enunciando uma determinada modalidade de discurso político. O processo de fabricação do impeachment cumpre uma certa dinâmica de operações de sentido ao exaurir e dissolver a existência do corpo presidente. A operação mostra que o corpo do discurso jornalístico tem poder de fazer de outros corpos – significantes fragmentos, animações e também silhuetas, tornando-os restos, além de alusões.

Figura 10: “Não vai ser golpe.”



Fonte: ISTO É – 20.04.2016

I) ‘O último ato’ De quem é o último ato?

O processo jornalístico de fabricação do impeachment não poderia ser concluído sem a reafirmação e importância do ‘arquivo’, como fonte junto a qual imagens são extraídas e submetidas à modelizações que tratam de dar inteligibilidades aos objetos resultantes deste processo. Tal ciclo – extração, modelização e nomeação – opera e mostra de modo didático, a transformação do discurso jornalístico da condição de um discurso receptor de fragmentos de outros imaginários e discursos, em um discurso produtor. Ao se apropriar destes impõem-lhes construções que resultam de regras e fundamentos convergentes com inteligibilidades desejadas e idealizadas pelos valores-notícias, mas também, resultantes das articulações com outras discursividades em circulação. A imagem abaixo (fig. 10) condensa estas questões, pois aponta elementos deste processo produtivo. Reitera operação que foi enunciada em muitas das imagens aqui analisadas ao manejar o corpo-objeto segundo ‘regras e valores privados’ dos dispositivos de enunciativos jornalísticos. E nada podendo antecipar sobre a sessão parlamentar que se passaria, ainda dentro de um mês, renova-se a transformação da edição especial do impeachment, como estratégia que contém um determinado tipo de discurso antecipatório. Época impõe elementos de uma determinada mediação da temporalidade para, a seu modo, decretar os estertores deste processo. Desenvolve uma complexa enunciação ao investir sobre o corpo de Dilma Rousseff uma heterogênea modelização reunindo operações de categorização e de metaforização e predicação. E, principalmente, de autorreferência ao ratificar a presença de determinado trabalho de mediação ao evidenciar o sobrepujamento do discurso de modelização sobre o jornalismo testemunhal. Instala o corpo da presidente mostrado de costas (para os leitores), de frente para uma cadeira vazia, com objetivo de mostrá-la totalmente submissa à circunstância de solidão e numa situação de espera. Sobre suas costas, é afixado o título “O último ato” para especificar contexto da mensagem. Também, outros três textos menores e um deles que tem o propósito de anunciar e comentar o que viria a ser o último ato e atribuído à presidente: “Dilma atua para câmeras interpretando um personagem (...)”. Parece haver aí processos de deslocamentos sobre a natureza do último ato. Qual seria, enfim, o último ato? O descrito pelo processo jornalístico sobre a performance de Dilma? Ou, um outro, associado ao próprio trabalho da mediação? Não podendo atualizar a primeira votação, já ocorrida, mas levando adiante o processo narrativo em função dos horizontes da segunda votação, o processo de fabricação permanece em atividade. A capa recorda a atuação de Dilma perante câmeras, mas não lembra a especificidade de fabricação da mídia inclusive, apontando o fim da temporalidade do acontecimento: o último ato. Portanto, há um terceiro denegado pelas convicções jornalísticas sobre este tal processo de fabricação do impeachment. Inclusive, a significação discursiva em pontuar, assertivamente, o último ato deste trabalho.

Figura 11: “O último ato”



Fonte: Época - 29.08.2016

Notas em conclusão

Ao estudar alguns aspectos da cobertura das revistas semanais informativas sobre o impeachment da presidente Dilma, visamos a examinar as relações entre jornalismo e acontecimento no cenário da midiatização em processo. Levando-se em consideração a hipótese segundo a qual suas dinâmicas afetam os processos de produção de sentidos realizados por práticas significativas como as de natureza jornalística.

Como é sabido, o impeachment desenrola-se ao longo de uma extensa temporalidade e dele se ocuparam narrativas de diferentes campos sociais atravessados por várias injunções de processos de midiatização. Tais injunções mostram particularmente diferenças nas relações das práticas com acontecimentos como impeachment, especialmente, as de natureza jornalística.

As diferenças nestas últimas apontam mutações nas suas instâncias mediadoras e os procedimentos acionados para transformar o fato em acontecimento. O intenso processo de transformação de tecnologias em meios, gera nova ambiência de interações e de operações, com efeitos sobre o trabalho da enunciação e as condições de produção de sentidos.

A atividade midiática que articulava o contato entre instituições e sociedade tinha ênfase na mediação testemunhal jornalística como lugar estratégico de produção de inteligibilidades. O acontecimento se tecia em torno de metodologias que valorizavam o trabalho codificante e semantizador do jornalista, cujas marcas de sua manifestação estavam ainda cercadas pela ideologia da objetividade. Da enunciação operada pela mediação, enquanto

instância de representação, resultavam marcas da realidade tecida e pistas de uma autoralidade operativa. O sistema jornalístico era movido pela ‘orquestra de vozes’, mas vinham à tona os traços do trabalho enunciativo e os rastros dos jornalistas como seu operadores.

Mas a midiática contribuiu para o aparecimento de operações sobre a matéria significativa com efeitos profundos sobre processos de codificação e narrativos. Até então nas mãos de ‘experts’ – como os jornalistas – estes processos vão desaparecendo e provocam a saída de cena dos atores e das operações discursivas de fundo testemunhal. Entram nos circuitos ‘atores programadores’ para reger a enunciação do acontecimento através de operações modelizadoras. A realidade enquanto tecido social já não é mais o objeto e é substituída pelos arquivos fonte dos insumos e de inspiração de uma nova discursividade. É verdade que, tanto no cenário de mediação como de modelização, a produção do acontecimento envolve processos de fabricação. A diferença está no fato de que no primeiro, fragmentos do real transitavam para superfícies dos meios. Já no segundo, extrações de arquivos geram outros fragmentos que, submetidos a modelizações técnicas e estéticas de editores, geram o acontecimento fabricado por uma narratividade de colagens e emolduramentos (MOUILLAUD, 1997).

Constatamos que as capas das revistas informativas sobre o impeachment de Dilma Rousseff não são apenas a ‘porta de entrada’ para visualização do acontecimento enunciado. Mais que isso: são lugares de exposição, precipuamente de anúncio de tomadas de posição que condensam inclusive, outros discursos que operam como correferências, na produção deste trabalho enunciativo. Ao insistir na hipótese de que o impeachment é fabricado por um singular trabalho do discurso informativo, neste cenário de modelização, desejamos enfatizar que isso se faz através de duas operações que são articuladas pelo processo enunciativo: os procedimentos operatórios da fabricação e o corpo eleito como significativo como ‘condição de produção’ para a referenciação do impeachment. Só através de uma ‘tríade de operações’ – extração, captura e nomeação – se manifesta o processo de um impeachment construído que passa pelo mapeamento junto a arquivos de imagens que podem oferecer potencialidade semantizadora para ‘ilustrar’ o ponto de vista. Extraídas, imagens são capturadas e migram para a esfera de coenunciações onde os modelizadores as vinculam às gramáticas e lógicas de um determinado processo de noticiabilidade. O corpo, enquanto um grande insumo de produção de referências, é mergulhado na ‘artesanalidade’ deste trabalho editorial já não mais confiado aos mediadores, mas a operadores e às suas colagens. Emerge o corpo do impeachment, que toma corpo por meio de narrativas que tratam de lhe atribuir sentidos. Corpo constituído por complexa intervenção de ‘cirurgiões da significância’, mas que é também por eles dissolvido em fragmentos ao manipular e fazer circular seu tecido significativo. Esta ritualidade dá forma a vários corpos: passivo, ‘em pose’, sitiado; fonte de humor; exemplar, para exemplificar os argumentos do ponto de vista editorial; metaforizado(r) quando é investido de operações discursivas para ofertar sentidos previstos pela estratégia editorial; emude-

cido, quando a tríade operatória de enunciações o coloca apenas como referente e de práticas de outras discursividades. Penumbra como suporte de circulação de um discurso que dispara sobre os contornos de sua sombra. Fantasma de uma referência que precisa ser extirpada. Em nome de argumentação que contraria a ocorrência do impeachment, conforme sentidos que circulam no tecido social, o discurso da informação transforma-se em um determinado tipo de discurso político que, ao invés de sustentar a existência de palavras adversativas, estaria propugnando pela dissolução de outras discursividades. Relatos midiáticos sobre o impeachment não vão além de sua fabricação. A exteriorização de imaginários por eles enunciados, na forma e no corpo de textos, aqui examinados, impendem que pensem sobre a natureza do último ato e de suas consequências.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *O amigo e o que é um dispositivo?*. Chapecó, SC: Argos, 2014.

AUGÉ, Marc. *Ficciones de fin de siglo*. Barcelona: Gedisa, 2001.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CINGOLANI, Gastón. La mediatización, entre los cuerpos ciudadanos y el cuerpo presidencial. In: *Dicotomia Público/Privado – estamos no caminho certo?*. CASTRO, Paulo César (org.). Maceió, AL: Edefal, 2015.

CULIOLI, Antoine. *Escritos*. 1. ed. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2010.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette mídia, cultura e revolução*. São Paulo. Companhia das Letras : 1990 .

FAUSTO NETO, Antonio. *O corpo falado: a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras*. João Pessoa: UFPb, 1988.

_____. *Mortes em derrapagens*. Rio de Janeiro: RioFundo : 1990

_____. Quando a ética toma forma – estratégias discursivas do jornalismo de combate. In: *Ética, cidadania e imprensa*, PAIVA, Raquel (org.). Rio de Janeiro: Maud, 2002.

_____. Contendas de sentidos. In: *Estratégias de mediatização da doença do ex-presidente Lula*. Santa Maria: Revista Animus, vol. 11, n 22, jul-dez 2012.

GOMES, P. G.; FAXINA, E. *Midiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016.

JENKINS, Henry. *Invasores do texto: fãs e cultura*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

MOULLIAUD, Maurice. *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

TRAVERSA, Oscar. *Inflexiones del discurso: cambios y rupturas en las trayectorias del sentido*. 1. ed. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2014.

VALDETTARO, Sandra. La “puerta de entrada” a Página 12: propuesta para um análisis del contrato de tapa. In: Rubén Biselli et al (org.). *La trama de la comunicación: anuario del departamento de ciencias de la comunicación*. 1. ed. Rosario: UNR, 2003.

VERÓN, Eliseo. *Semiosis de lo ideológico y del poder – la mediatización*. Buenos Aires: 1986.

VERÓN, Eliseo. De la imagen discursiva á las discursividades – El tempo de uma fotografia .In: Isabel Veyrat-Masson e Daniel Dayan (Orgs.). *Espacios públicos em imagens*. Barcelona: Gedisa, 1996.

_____. *Efectos de agenda*. 1. ed. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. *El cuerpo de las imágenes*. Buenos Aires: Editorial Norma, 2001.

_____. *Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente em la central nuclear de Three Mile Island*. 2. ed. ver e ampl. Buenos Aires: Gedisa, 1987.

_____. *Le corps du president: essai sur la démocratie audiovisuelle avancée*. Paper [livro não publicado].